

a mulher sus.pensa

alice macedo campos



argumento 102

a mulher segue, visivelmente carregada com sacos de compras, percebem-se uns troncos frescos de alho francês, outros legumes, fruta, garrafas de água, leite, pacotes de sal e infortúnio.

o que a seguir nos comove é a sua imensa barriga de grávida terminal, os tornozelos inchados, as pernas cansadas de tanto peso, afinal, é a sua vida, a vida da criança, a vida na sua totalidade, o que leva.

a certa altura, a mulher cai, vencida pela guerra das águas, um enorme fluxo de líquidos inunda-lhe a roupa, escorre pelo mosaico do chão, no meio dos tomates derrubados. quis o destino que a queda aparatosa da mulher se desse em frente à porta de uma alfaiataria, e que um homem no seu interior, proprietário da loja, embora muito ocupado com o corte do fato de um cliente, tenha ouvido os gritos desta mulher, em súbito trabalho de parto.

de imediato correu junto dela, com fita métrica ao pescoço, e lhe tirou as medidas com eficiência de mestre hábil e experiente.

ainda a mulher agoniza, o homem, incapaz de auxiliá-la, entra na loja e chama a costureira, que, numa atitude razoável de servir o patrão e proteger o bom nome da alfaiataria, começa a lavar o chão, recolhendo depois os sacos das compras para dentro. satisfeitos ambos com as suas boas acções, resta-lhes dar solução à pobre mulher, ali

deitada à porta da loja em convulsões, cena que poderá alarmar os vizinhos ou transeuntes.

o alfaiate troca algumas palavras com a costureira, discutem o que mais poderão fazer, enquanto, de tesoura em punho, vão cortando mangas e costuras.

por esta hora, já os gritos da mulher se transformaram num murmúrio suplicante, e só se ouvem os gemidos profundos da sua dor.

entretido com uma bainha, o alfaiate pica-se de repente, quando a costureira lança no ar um “já sei” inesperado, “já sei o que fazer”, repete-se ela sem parar, “faça o que sabe”, “faça o que faz melhor”, insiste.

subitamente iluminado por estas palavras mágicas, e com uma boa dose de linha grossa, o alfaiate cose a vagina da mulher.

agulha acima, agulha abaixo, os lábios são unidos em ponto cruz, num trabalho de beleza incomparável.

a costureira aplaude e faz uma fotografia do acontecimento.

a criança sufoca no interior da mãe.

a mulher morre grávida.

afinal, é a sua vida, a vida da criança,

a vida na sua totalidade, o que leva.

a pequenina morte

há uma hora em que uma pequenina morte vem até mim,
como uma flor que cresce timidamente no pathos da memória.
dir-se-ia que a pedra inteira do meu corpo
se atira completamente ao mar.
o buraco que o meu peso abre nas ondas é a âncora,
a concha invisível e segura, onde o meu ser mergulha no âmnio,
qual ínfimo peixe à procura de um ovo.
nesses momentos de pura distração,
o pensamento é um olho autónomo,
fixado em qualquer ponto distante,
não exterior a mim.
onde estás, alice?, perguntam.
e eu não sei responder.
não sei se estou no lugar da lucidez ou da loucura.
gosto de sentir o movimento das ondas e boiar entre elas.
quando eu morrer,
tenho a certeza que esta flor me sai pela boca.
atirem-na ao mar.

lembro-me de uma noite, ao sair da garagem,
o teu carro ter já deixado a rua, e de a rua ser,
à luz moída dos postes públicos, uma largura
infinita de paralelos, e de os meus pés estarem
paralisados, e da paragem cardíaca do teu nome
na minha boca, na viagem mais longa que fiz à
solidão. hoje, recebi a tua carta, estava no tapete
da entrada, húmida, ligeiramente suja com cinza
de cigarro, e pensei nas tuas mãos, no gesto de
enrolar tabaco, na tua língua, no gesto de o lamber,
e no quanto terás fumado cada palavra. assim que
entrei, sentei-me a ler, só depois desfiz a mala.
devo dizer-te que é muito triste uma mulher sentada
a ler com a roupa por lavar, sobretudo antes de tomar
banho, e que, por isso, liguei a máquina naquele
programa que dura exactamente o tempo de um
duche, estendi a roupa, e ainda não sequei o cabelo.

sou um homem e pinto. acontece-me frequentemente sair de casa para escolher uma mulher na rua, uma desconhecida, alguém cujo rosto seja um poema, ou simplesmente um rosto.

visto umas calças e uma camisa velha e saio na hora de ponta, envolvo-me na multidão e atravesso ruas sem parar, até encontrar esta mulher.

já trouxe para casa mulheres cegas, são fáceis de pintar, tiram a roupa tão depressa como tiram os óculos e despem-me em igualdade de circunstâncias.

não me fazem perguntas, falam das condições do tempo, numa espécie de arrefecimento gradual que vão experimentando com a idade, e quase sempre me oferecem o corpo.

já trouxe mulheres solteiras, muito jovens, ainda virgens, comportam-se timidamente, não mexem em nada, fazem gestos de grande ignorância, encolhem-se sobre a sua própria magreza, enrolam fios de cabelo nos dedos, à espera das palavras.

já tenho recebido mulheres casadas, estupidamente infelizes, que deixam os filhos na escola e chegam extenuadas, como se a tarefa da maternidade fosse invencível, ou estas visitas pudessem aliviá-las.

há uma que vem todas as sextas-feiras, descalça, com os olhos cheios de perguntas, as mãos tão brancas e douradas, a pele enrugada, cada ruga um enigma para o meu complexo ofício de pintor.

hoje, quando chegou, pediu-me com gentileza, *ponha algumas flores no meu retrato*, e foi sentar-se na cadeira. depois, quando viu o retrato disse, *ficam já estas para as que me faltarem na campa*, e saiu.

há, naquela casa virada ao mar,
uma mulher a quem durante a noite a barriga cresce,
e todas as manhãs nasce um filho.
a mulher despe-se, vai à janela,
dá-se-lhe um vento ou qualquer ternura sobre a pele
e logo fecunda.
as crianças espalham-se à sua volta, chupam-lhe os seios,
tornam-se ligeiramente maiores que os recém-nascidos
e penduram-se como bonecas, com os vestidinhos a folhos
e as fraldinhas presas por alfinetes de chumbo.
às vezes, as minhas mãos aparecem entre as palavras,
outras, desaparecem,
mas nunca se perdem dos olhos destas crianças,
suspensas por toda a parte.
um dia, hei-de inventar uma chama quente que,
soprada junto à vulva da mulher,
a faça subir no ar como um balão.

há, no rosto da mulher,
um lago de água escura
com um poço de areia ao fundo.
diz o poema que,
quem beber desta água,
se perde no deserto.
a pele é um tecido fino sob os dedos.
as pessoas,
ao primeiro toque, dizem que é de seda,
mas não sabem que é ouro verdadeiro,
e vão de um beijo ao outro com muita pressa.
as pessoas não sabem quase nada.
e o poema cresce como um cabelo
na zona púbica.

(dedicado à maria quintans)

a esta hora, a casa está vazia,
os homens que vieram durante o dia já desceram
ou é o meu corpo cada vez mais branco
que os rejeita como um grito,
ou um poema deitado sobre a concha.
acabou a manteiga, é triste dizer isto
quando há fome e nenhum lago,
nem sequer um poste aceso na rua
e só a escuridão come o meu sexo.
vou à minha vida, dizem,
e eu fico nua a pensar que a vida dos homens
é um cão atrelado à porta de casa,
um objecto imóvel que não chega a tocar-me,
ou uma coisa que só existe longe da noite.

a incompletude de certas palavras
mais o *ingénio* de quem escreve,
ainda que aquela possa ser a máscara deste,
terão deixado à língua portuguesa,
e por favor corrijam-me se estiver errada, um céu sem nome.
vejo, ao longe,
e digo lonjura como um sonho que trago de viver muitos anos,
está um homem curvado a abrir um buraco para o meu corpo.
escuto a morte aproximar-se com suas saias de linho,
oferecendo-me o colo macio,
o ventre onde regresso do tamanho de um grão,
como no princípio.
vejo ainda alguém que atira terra sobre a urna.
por fim uma pedra com as inscrições sumárias:
ficaste para sempre em eduardo,
por ser esse, a partir de agora, o nome do céu.

vinho do corpo

era bem mais fácil ser uma mulher, penso.
dar de mamar, cuidar da casa,
fazer os filhos um a um,
ter os espelhos resplandecentes,
o lustro das pratas bem puxado,
um mecanismo de limpeza que,
fora e dentro da casa,
no espaço oculto do silêncio,
assobiasse o lume sobre as coisas.
esta mulher, penso,
é a noite mais alta do mundo.
os homens, quando se põem a caminho,
levam na erecção as mãos vazias,
e na boca enorme os olhos cegos do desejo,
loucamente entram nas chamas do corpo da mulher,
e ardem.

rua escura

a mulher tem as pernas e os braços
como se o mundo fosse o sol inteiro,
veja-se o andar
e como o chão treme quando passa
e, se um homem diz a nudez pura,
o corpo abre-se receptivo,
as mãos e a boca ainda frias,
até o olhar de um se afundar na liquidez do outro.

à queda da noite, saio para a rua,
está um cadáver junto ao tronco de uma árvore,
assim deitado imóvel na quietude do jardim
dá a sensação de um prolongamento da própria árvore,
e eu sigo sem roupa debaixo do casaco,
as paredes da noite rodeiam-me
como uma casa sem memória,
alguém diz ao fundo,
aquele homem morreu de cansaço,
e em vão atravesso o frio
e deixo o casaco a cobrir-lhe a cara.

à mesa do mar, sento-me a escrever-te este livro.
tenho sobre os ombros um pano todo negro que assinala,
fora e dentro da água, a presença de uma mulher,
que os animais se habituarão a chamar de ilha.
trago no ventre um filho que me fizeram em terra,
na véspera do embarque para este lugar da escrita.
estava frio e o vento que fazia serviu apenas para que eu o referisse,
entre os lábios, e para que, à vista de um texto,
a criança juntasse mãos e pés, fechando-se num inviolável ó.
estavam, nesse dia, junto aos barcos, vários homens que esqueciam.
nasciam entre as margens, alimentavam-se de toda a espécie
de palavras em movimento, crescia-lhes a barba e o cabelo
até ao volume do fogo, como se, ocultado o membro mais sanguíneo,
fossem homens de carne sem ideias.
perto da praia, na curva que divide a areia — a que chamarei caminho mole,
do asfalto — a que chamarei caminho duro,
as mais altas árvores terão pensado: que faremos diante do desejo?
eram antiquíssimas e gozavam, para além da sabedoria,
do privilégio da própria estatura para avaliar
do que é sem nome, antes de ser inscrito na paisagem.